



Mulher e criança da tribo dos Yanomami

# História Alegre Que a Tragédia Não Contou

Há poucos meses, quando ocorreu a tragédia da expedição chefiada pelo padre Calleri, muita coisa foi dita e noticiada para explicar o acontecimento. Inclusive, a maior parte das versões conduzia à inabilidade do sacerdote no trato com os indígenas, como a causa do massacre.

Por mais conjecturas que se façam, nem sempre é possível desencavar a verdade de determinados fatos. Porém, isso parece não ter grande importância quando os desfechos são felizes. E no impacto das tragédias que se aprofundam todos os mistérios.

Dizer que o padre Calleri não possuía experiência no trato com os índios não encontra confirmação no trabalho de catequese que desenvolvia no Amazônia. Fundador da missão no rio Catrimani, o sacerdote cumpriu ali, com êxito, parte da sua tarefa apostólica. Um retrato dos silvícolas que receberam sua dedicação é traçado agora pela jornalista Lúcia Bomfim, integrante do Projeto Rondon em Roraima.



Padre Calleri

## Yanomami — A Tribo Pacificada Por Calleri

Lúcia Bomfim

A tribo Yanomami é uma das mais bem conservadas do Brasil. Estes índios vivem dos dois lados da fronteira com a Venezuela, do alto Rio Negro ao alto Uraricoera.

São também os menos conhecidos e os mais primitivos dos nossos índios, depois dos Nhamiquara da Serra do Noroeste — entre Mato Grosso e Roraima.

Na manhã do dia treze de fevereiro, um Cessna, me le-

vou até as margens do rio Catrimani, no local onde vive atualmente o grupo Korinathetheri, da tribo Yanomami. A visita, que seria rápida, prolongou-se por dois dias. Havia dois estudantes do Projeto Rondon com malária e tive que ceder meu lugar no avião para que eles fossem levados ao hospital de Boa Vista.

Era a terceira vez que os índios do Catrimani viam uma mulher branca, mas fui rece-

bilhada com sorrisos e gestos amistosos. Os índios têm uma audição muito aguçada e ouvem o barulho do avião muito antes do homem civilizado. Em geral, depois que eles correm para a pista de pouso, o avião leva dez minutos para chegar.

Os padres católicos da Ordem da Consolata mantêm uma missão no Catrimani, fundada pelo padre João Calleri. Subindo o rio Catrimani de canoa os padres Bindo e Calleri chegaram até o local. Trabalhando com os índios, já estão amigos, o padre Bindo construiu uma pista de pouso, enquanto o padre João Calleri se dirigia a Boa Vista, em Roraima.

Quando a pista ficou pronta o padre Calleri voltou de avião. Começaram então a construção de uma casa. Quatro já foram feitas. As três primeiras foram destruídas pelas enchentes do rio Catrimani. A atual foi feita, como as anteriores, no mesmo estilo da maloca dos índios. É uma cabana feita com troncos de árvores e folhas de bananeira ou de uma espécie de palmeira. Suas paredes têm aproximadamente um metro de altura. Daí até o teto não há cobertura.

Quando desci do avião, havia alguns brancos entre os índios: o irmão Carlos, que mora na missão juntamente com um casal. A mulher faz o serviço de cozinha e seu marido cuida das provisões, caçando e pescando. Lá estavam também um outro médico, um etnólogo suíço e quatro rapazes do Projeto Rondon: eram estudantes de medicina, odontologia, agronomia e etnologia.

Sempre acompanhados pelos índios sorridentes e curiosos, ficamos conversando. Depois de me informar com o irmão se havia algum inconveniente em fumar, recebendo resposta negativa, tirei um cigarro. Fiquei desarmada com a reação: todos puseram-se a rir apontando para mim.

Soube que a maioria dos que nos cercavam eram visitantes que os homens da região estavam há oito dias no Mato caçando e pescando para uma festa. Os que haviam ficado estavam um pouco amedrontados: devido ao desequilíbrio de sexo existente, é costume entre os grupos o roubo das mulheres, ocasião em que matam os homens do grupo atacado. É muito raro roubaram mulher branca ou de outra tribo.

A unidade básica é a chamada família nuclear. A reunião de várias famílias unidas pelo parentesco forma um grupo tribal. A reunião de todos os grupos é que forma uma tribo.

UMA VISITA A MALOCA

Por sorte, neste mesmo dia chegaram os índios do grupo local. O Tuchaua (chefe) convidou-me para conhecer a nova maloca. A festa que estavam organizando era justamente para festejar a inauguração da maloca, que haviam construído.

Fomos andando por uma trilha aberta no mato, com o Tuchaua na frente. Os índios andam um atrás do outro e olhando para o chão para pisar exatamente no mesmo local pisado pelo que vai na frente. Isto porque o primeiro da fila já verificou se o caminho é bom e sem perigo. Os outros o seguem confiantes.

COMEÇA A FESTA

O Tuchaua já era casado com uma velha índia. Estava à espera da segunda mulher, que havia comprado de outro grupo. Mas este se recusava a entregá-la. Apesar de ser uma autoridade para os membros de um grupo tribal, seus poderes são limitados. A maior autoridade num grupo é o Conselho, que é formado pelos chefes de família mais velhos.

No grupo Korinathetheri há um Tuchaua e mais três chefes, que são os anceios de maior liderança. O cargo de Tuchaua é geralmente hereditário mas pode acontecer de ser passado a um membro do grupo que seja de outro núcleo familiar e possua capacidade para conquistar o pólo.

A noite uma convidado veio convidar-nos para o início da festa. Quando entramos na maloca havia várias fogueiras acesas. Apesar do trabalho de cozinha ser feito pelas mulheres, nos dias de festa são os homens que preparam a comida. Tiram só a pele e não limpam por dentro, entortam a carne em folha de bananeira e amarram com fibra de árvores. Colocam aquilo no calor das brasas até ficar bom para comer. Não conhecem o sal ou algum outro tempero.

OS COSTUMES INDIGENAS

Suas festas duram enquanto há comida. Não conhecem bebida alcoólica mas têm uma outra prática: cheirar o iopó. A base deste entorpecente é a mesma do curare, veneno usado nas pontas das flechas. O líquido é apanhado dentro da casca de uma certa árvore (acoma), cujo nome não é conhecido em português. O segredo da preparação do iopó só é conhecido, em geral, pelo Tuchaua, que o esconde zelosamente dos brancos.

Na primeira noite de festa o Tuchaua permitiu que eu visse e pegasse o iopó. É um pó branco, bem fino. Uma certa quantidade é colocada numa extremidade de um bambu. Esta extremidade, por sua vez, é colocada na narina de um índio. Outro índio sopra com força a outra extremidade e o pó penetra do cérebro do que está recebendo o entorpecente. Externamente, a impressão que se tem é que o índio está sob efeito de alguma bebida alcoólica.

A noite seguinte marcou o início da festa propriamente dita. Os visitantes entraram com os arcos e flechas em posição de ataque, apontando. Foram linhar o corpo pintado, enfeites de penas nos braços e penugem branca de gavião na cabeça.

Dançaram todos, as mulheres no centro e os homens ao redor. Depois de celebrada a "reconciliação" dos moradores com a tribo visitante, que havia feito sua entrada em posição de guerra, segundo o cos-

tume, o Tuchaua passou a indicar às famílias seus lugares na maloca.

A inauguração de uma maloca é uma festa para nos grupos tribais. Os momentos principais da vida do indígena são o nascimento, a puberdade e a morte.

Os filhos ou portadores de defeitos físicos são mortos ao nascer. Deixada de lado, a criança órfã que não é capaz de providenciar sua alimentação, morre de fome.

Na puberdade é consumado o casamento. Entretanto os índios casam crianças e a esposa passa a viver com a família do marido até poder conviver com ele. O homem é geralmente mais velho que a mulher e, se bem que seja aceita a poligamia, a monogamia é a regra.

Uma vez por ano os índios comemoram sua maior festa, que é a dos mortos. Esta celebração com o amadurecimento da banana e da pupunha (fruto de uma palmeira). É praticado o endocanibalismo: comem as cinzas dos próprios mortos.

O corpo dos mortos é deixado algum tempo entre folhas de árvores até apodrecer e depois é queimado. Suas cinzas são recolhidas em cabaças e guardadas na maloca até a época da festa. Nesta data, cada família come as cinzas dos seus mortos, que são misturadas a uma espécie de mingau feito de banana ou pupunha.

A maloca é uma construção arredondada de palmeira seca. Complacente sem janelas, possui pequenas entradas também fechadas por folhas. Dentro a escuridão é completa, o que evita a entrada de mosquitos.

O centro, é completamente deserto: é a praça onde todo o grupo se reúne nas comemorações. Ao redor, em cada canto, um espaço reservado a uma família. Nessa dia, entretanto, não havia ninguém morando lá. A maloca ainda não havia sido inaugurada.

Quando quisemos voltar para a sede da missão o Tuchaua nos guiou por uma trilha diferente. Fomos discutindo pelo caminho, eu e os outros dois rapazes, se iríamos chegar mesmo na sede da missão. Mas paramos em outra clareira onde havia uma plantação de bananas. Começou então um estranho diálogo entre os rapazes, que se faziam compreender pelo Tuchaua na sua própria língua. Perguntavam a direção do rio, da maloca, da pista de pouso e a resposta vinha em português: — Não sabe.

Apavorada, eu me lembrava da minha conversa com o Tuchaua, logo depois da minha chegada, tendo um dos rapazes do Rondon, Paulinho, por intérprete:

— Você tem marido? — perguntou o Tuchaua.

— Não, — respondi.

— Tem criança?

— Não.

— Então você não deve voltar para Boa Vista. Quero que você fique morando aqui com o Tuchaua.

Foi difícil explicar porque eu não queria aceitar o convite. Para facilitar, resolvi arranjá-lo um marido entre os rapazes do Projeto Rondon. Escolhi o mais próximo mas ele, procurando se divertir, desmentiu sempre.

Foi logo depois desse diálogo que fomos visitar a maloca e acabamos perdidos no bananal. Entretanto, depois de alguns minutos de brincadeira, o índio, vendo, que já estávamos bastante assustados, começou a rir e guiou-nos de volta.

A pintura corporal, feita com urucum, não tem significado ritual. Andam nus e com pouquíssimos enfeites. As mulheres usam uma pequena tanga e as casadas usam palitos presos no lábio inferior.

Um costume típico dos Yanomami é colocar um rio de fumo entre o lábio inferior e os dentes. Passam o dia todo chupando o fumo.

A HORA DA VOLTÀ

No dia da minha partida fui torris uma vez à maloca. Logo que entrei minha atenção foi atraída por um índio que pulava próximo a outro que estava deitado em uma rede. Soube então que o Papé da tribo procurava curar o Tuchaua que estava doente. Minutos antes o Tuchaua havia estado na sede da missão pedindo remédio e procurando mostrar que estava com dor de cabeça. Tomado o comprimido, preferia esperar seus efeitos sob os cuidados do seu Papé.

Na saída um índio jovem se dirigiu a mim e procurou fazer-me entender que devia tirar minha blusa estampada e minha calça. Leci porque sua mulher havia postado da minha roupa. Neguei, mas não apenas porque os missionários preferem que os índios não rebatem roupa, por enquanto, por ser "superfúrio" para eles. Tive que negar também porque era a única roupa que havia levado.

Pouco depois os índios começaram a aparecer de todos os lados, em direção ao campo de pouso. Entendi que o avião estava para chegar. Realmente, alguns minutos depois ele tornou-se visível.

Apresado, o piloto descerrou-gou viveres, cartas, desinfetantes e preparou-se para a partida. Despedi-me:

— Iacon (adeus).

Subi no avião dando adeus. Os índios, sorridentes, procuravam desajeitadamente repetir meu gesto. Com eles ficaram o etnólogo, os dois mistérios, a mulher e um dos participantes do Projeto Rondon que seria apanhado pelo avião no dia seguinte.

Mas a imagem que ficou gravada com mais força na minha memória foi a magra figura do irmão Carlos que havia se levantado da sua rede, onde procurava vencer mais um ataque de malária. O irmão Carlos nos sorria e dava adeus, depois de ter se recusado a ir para o hospital, para não abandonar os seus índios.